

A ESQUERDA COMO GRANDE CAUSA

RAFAEL DÍAZ SALAZAR

Madri, Espanha

A história da esquerda é a história de uma longa marcha em luta contra a barbárie provocada pelos seres humanos. Esta luta tem se orientado a diminuir as injustiças e conquistar uma maior fraternidade entre esses seres chamados – não à toa – de *animais racionais*. Já sabemos que no desenvolvimento civilizatório têm provas demais de um argumento e outro, e não saberia dizer qual é o mais superabundante: a animalidade ou a racionalidade.

A luta para suprimir a barbárie e alcançar a fraternidade humana é muito antiga. Há quem identifica o nascimento da esquerda com a história das três Internacionais trabalhadoras surgidas em 1864, 1889 e 1919, respectivamente. Outros retroagem seu surgimento a datas mais remotas, como a Revolução Francesa de 1789, a fase do primeiro desenvolvimento do socialismo utópico na Inglaterra e França, na década de 1810, ou a publicação do *Manifesto Comunista* (1848). Há inclusive quem tem afirmado que as raízes históricas da esquerda socialista moderna devem ser buscadas mais atrás, nada menos que duzentos anos antes da publicação do *Manifesto Comunista*, concretamente no período da guerra civil inglesa (1642-1652), em que surgiu o movimento radical dos *diggers*, que defendia idéias igualitárias.

Para nominar com o genérico de esquerda ao conjunto de movimentos que tem lutado e continua lutando contra a barbárie da exploração e da dominação, que impedem a fraternidade, a igualdade e a liberdade, temos que ir, todavia, mais além. A partir dessa premissa, eu compreendi a origem da esquerda na rebelião de escravos dirigida por Espartaco entre os anos 73-71 A.C. Uma guerra que terminou com a morte deste, na luta contra as tropas de M. Lecínio Crasso, em Apúlia, e com a vitória definitiva de Pompeu, que aniquilou o exército de escravos.

Durante esses 2.073 anos, as lutas de libertação de milhões de seres humanos têm alimentado o curso humanizante do rio da história. Creio que devemos inserir nossa perspectiva num horizonte mais amplo, que descere, de uma vez por todas, a imagem da queda do muro de Berlim como o fim da história e o

princípio de um futuro unidimensionalmente marcado pelo fracasso da experiência bolchevique; um a mais dos muitos que se tem tentado, numa longa história de busca em como construir um mundo que harmonize a igualdade, a fraternidade e a liberdade. Esta perspectiva ampla pode libertar a esquerda da sobrecarga ideológica e centrá-la nas raízes morais e objetivos humanizantes. A partir deste enfoque, as culturas políticas, as ideologias e os programas se convertem em meros meios, em instrumentos que devem submeter-se à dinâmica de prova e erro para ir conquistando os fins morais e sociais, que são os que verdadeiramente garantem a identidade mais profunda do que hoje denominamos, em linguagem coloquial, «a esquerda».

Por essas razões, se houver que buscar um adjetivo para concretizar a identidade de fundo, que une seu passado e seu futuro, creio que o mais adequado seria o de *espartaquista*, muito mais que o de marxista, socialista ou pós-marxista. Espartaco, como arquétipo de uma esquerda, que busca a erradicação do sofrimento humano, causado pelos mecanismos de exploração e dominação, e que apela à revolta moral, ao compromisso político de todas aquelas pessoas que – desde diversas ideologias, éticas ou religiões – querem acabar com situações de desumanidade e desigualdade em torno de um programa comum de ação.

A luta prosseguirá com o nome ou sem o nome de esquerda, marxismo ou socialismo, contanto que haja coletivos humanos que se rebelem contra a exploração, a dominação e o empobrecimento de uns seres humanos por outros. Convém deixar esta ideia bem clara num momento em que se deve saber distinguir muito bem os fins das modalidades e métodos para alcançá-los. Os nossos são tempos para ancorar-se no essencial e estar muito abertos na busca de mediações de todo o tipo para alcançar os fins da esquerda, os quais têm que ser redefinidos em cada conjuntura histórica.

O essencial é saber precisar os fins e os meios de um projeto coletivo e universal, para conseguir que se diminuam as explorações, injustiças, opressões, desigualdades e pobreza, que continuam existindo.